

Sociabilidade, Território e Racismo: os limites socialmente impostos ao bem-estar dos negros em uma cidade da região sul do país

Sociability, territory and racism: the socially imposed limits on the black's well-being in a city in the southern region of the country

Alexsandro Eleotério Pereira de Souza¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo explicitar alguns dos limites socialmente impostos à sociabilidade pelo racismo e pela discriminação racial aos negros moradores da cidade de Londrina-Paraná. Diante de uma sociedade estruturada sob os alicerces da desigualdade racial, que privilegia assim os brancos em detrimento dos negros, busca-se compreender como o racismo interfere nas relações sociais existentes entre esses dois grupos, em diferentes âmbitos e espaços sociais, privilegiando-se neste artigo os de moradia. O texto foi desenvolvido, em um primeiro momento, por meio da pesquisa empírica, com a realização de entrevistas em profundidade, de cunho qualitativo, a fim de analisar as questões relacionadas à sociabilidade e a identificação com a questão racial. Também contou com a perspectiva quantitativa, através de dados socioeconômicos disponibilizados pelo IBGE. O relato do cotidiano destas pessoas mostra que, mesmo com significativos avanços socioeconômicos obtidos pela população negra, sobretudo nas últimas décadas, a visão do negro como um sujeito caracterizado pela inferioridade racial é uma constante nos mais distintos territórios e espaços sociais.

Palavras-chave: Bem-estar. Limites Sociais. Território. Racismo. Sociabilidade.

Abstract: This article aims to explain some of the limits socially imposed on sociability by racism and racial discrimination to blacks living in the city of Londrina-Paraná. Faced with a society structured under the foundations of racial inequality, which thus privileges whites over blacks, we seek to understand how racism interferes in the social relations existing between these two groups, in different spheres and social spaces, privileging itself in this housing items. The text was developed, at first, through empirical research, with in-depth interviews of a qualitative nature, in order to analyze issues related to sociability and identification with the racial issue. It also had a quantitative perspective, through socioeconomic data provided by IBGE. The account of the daily lives of these people shows that, even with significant socioeconomic advances obtained by the black population, especially in the last decades, the view of the black as a subject characterized by racial inferiority is a constant in the most different territories and social spaces.

Keywords: Well-being. Social limits. Territory. Racism. Sociability.

¹ Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Professor na Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. E-mail: alex.eleoterio@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4201-8447>

Introdução

Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas (Norbert Elias, 1994, p. 27).

Este texto trata dos limites socialmente impostos pelo racismo e por sua manifestação - a discriminação racial² - ao bem-estar dos negros³ em Londrina. Por bem-estar, compreende-se o estado de satisfação das exigências do corpo e/ou do espírito humano, que como sabemos, é incapaz de se satisfazer por completo. Contudo, busca-se com este artigo explicitar como o racismo contra o negro tende a potencializar os limites sociais ao bem-estar da população negra moradora em Londrina, privilegiando-se os espaços de moradia, sem, contudo, desconsiderar outras variáveis sociais.

Diante de uma sociedade estruturada sob os alicerces da desigualdade racial, que privilegia os brancos em detrimento dos negros, fazendo com que estes dois grupos se diferenciem, em particular, pela maior renda econômica e prestígio social dos primeiros e o menor poder aquisitivo e inferiorização comunitária dos segundos (FERNANDES, 1972; HASENBALG, 1979; IBGE/Pnad, 2019), surgem algumas questões sobre os limites socialmente impostos aos negros, através da influência racista, a saber: como se estruturaram e permaneceram estes limites que - nos revelam os mais diversos indicadores sociais⁴ – mesmo após um século da abolição da escravatura negra no Brasil continuam a proporcionar aos negros, em sua maioria, as piores posições sociais? Uma constatação perversa acerca desse fato, é que estes limites têm sido internalizados por negros e brancos, ao ponto de a inferiorização

² Nilma Lino Gomes nos esclarece os conceitos de racismo, preconceito e discriminação racial. De acordo com Gomes, “o preconceito é um conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos.” Já a “discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam” (GOMES, 2008, p. 54 - 55).

³ Aqui, negros são a soma da população que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE considera como preta e parda.

⁴ Ver em: PAIXÃO, Marcelo [et alli] “**Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil(2009-2010)**”. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011.

social do negro ser, por vezes, tida pelos diferentes indivíduos com naturalidade. Isto posto, podemos também nos questionar sobre o modo como os negros buscam desenvolver a sua sociabilidade num contexto de discriminação racial e de racismo? É com o objetivo de responder a estas questões que este trabalho surge.

As questões mencionadas surgiram por ocasião de uma experiência acadêmica ao realizar a pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto “*Território e Segregação Urbana: o lugar da população negra em Londrina*”, na esfera do Laboratório de Cultura e Estudos Afro-brasileiros (LEAFRO-UEL). Tendo por parâmetro esse projeto, elaborei um subprojeto denominado “*Território e Sociabilidade: Uma Análise do Cotidiano dos Negros em Londrina*”. Constatou-se nessa pesquisa que, independentemente dos bairros habitados, da situação econômica, da trajetória social e profissional, os negros entrevistados se sentem socialmente desprestigiados. Diante deste sentimento de inferioridade, tendem a criar mecanismos individuais a fim de superar os problemas de sociabilidade causados pelo racismo e pela estratificação sociocultural. Destarte, como estratégia, algumas vezes evitam lugares onde a discriminação é mais evidente, como locais frequentados pela maioria branca e de maior poder aquisitivo⁵, ou enfrentam os desafios e passam a residir em áreas nobres da cidade, caracterizadas pelas melhores infraestruturas e conseguinte prestígio social, tendo assim que arcar com sérias limitações aos seu bem-estar na vida cotidiana.

Para desenvolver este trabalho o primeiro passo foi a pesquisa empírica com a realização de entrevistas em profundidade. O objetivo nesse momento foi analisar os problemas relacionados ao êxito das satisfações, as relações e a manutenção dos laços sociais dos negros em Londrina. Para tal propósito foram selecionadas pessoas que se autodeclararam negras. Outro requisito foi ter residência em um bairro de Londrina por um período entre quinze e vinte anos. Estipulou-se esse período, a fim de compreender como as relações sociais, de longa data, por vezes permeadas pelo racismo, se mantêm.

A fim de entender as práticas do racismo em maior amplitude, foram entrevistadas pessoas de diferentes bairros da cidade. É importante salientar que não houve a escolha direta dos bairros aos quais os entrevistados deveriam residir; buscou-se os entrevistados tendo por base a residência em bairros considerados mais consolidadas, ou aqueles tidos pela população

⁵SOUZA, Alexsandro E. P. “**Sociabilidade e território:** o cotidiano do negro em Londrina”. Trabalho de Conclusão de curso. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

local como os melhores para se viver⁶. Como resultado, os seguintes bairros foram selecionados para as entrevistas: Jardim Claudia, Jardim Maringá e Centro.

A fim de selecionar a quantidade necessária de entrevistas, e assim captar a realidade desejada, optou-se pela utilização da estratégia “bola de neve”⁷, em consequência, foram realizadas cinco entrevistas com os moradores desses bairros. Os entrevistados foram encontrados através da indicação de colegas, professores universitários envolvidos no projeto de pesquisa e também por meus familiares. Buscando preservar suas respectivas identidades, foram utilizados pseudônimos. O relato das vossas histórias, bem como do cotidiano destas pessoas, vivenciado em variados ambientes, tais como instituições de ensino, trabalho, locais de lazer, e também no âmbito familiar e afetivo, foi o norteador dos próximos passos a serem tomados.

Num segundo momento da pesquisa buscou-se uma literatura acadêmica que respondesse as questões suscitadas pela realidade encontrada. Com efeito, chegou-se à literatura sobre as relações raciais, entre outras, amparadas sob o cânone das ciências sociais, sobretudo as sociológicas, que nos forneceram o embasamento teórico necessário.

Destarte, esta pesquisa foi orientada por teorias e conceitos sobre as relações étnico-raciais. Algumas das referências da sociologia neste tema foram os estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto UNESCO⁸. Neste trabalho priorizaram-se os estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide, datados das décadas de 50 e 70 do século XX. Tais estudos tiveram grande importância ao evidenciar a permanência do racismo no Brasil, até então veementemente negada pelos brasileiros. Numa outra perspectiva, na década de 1970, os estudos de Carlos Hasenbalg mostraram que a utilização da teoria da estratificação social e das relações de classe

⁶ Neste trabalho, denomino como bairros consolidados aqueles localizados próximos à região central da cidade ou em condomínios horizontais e/ou verticais fechados, localizados, sobretudo, na zona sul da cidade. Providos de boa infraestrutura urbana e em locais que permitem a seus moradores o rápido acesso a bens e serviços estes são economicamente mais valorizados em Londrina, daí o valor social agregado.

⁷ VALLADARES, L. D. A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. **Caderno CRH**. Salvador, v. 3, n. 58, p.35-49, 2010, p. 18.

⁸ Após a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO, órgão das Nações Unidas, financiou uma série de pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil. Tal iniciativa tinha como fulcro a crença de que o país representava neste aspecto um cenário singular, onde os contatos entre brancos e negros tenderiam para a harmonização. A intenção era que, descoberto os elementos que levaram a essa neutralidade, quanto à manifestação do preconceito racial, os mesmos fossem expostos ao mundo, como sinal da possibilidade da convivência harmônica entre os diferentes (Cf.: em FERNANDES, 1972).

seria de grande valia para uma melhor compreensão das relações raciais no Brasil. É através da utilização destas teorias que o autor chega à conclusão de que mesmo havendo um desenvolvimento socioeconômico que atingiu toda a população brasileira, em particular após o fim da segunda guerra mundial, houve ainda a manutenção das desigualdades raciais, que permanecem constantes; avançando as décadas de oitenta e noventa temos como referência o antropólogo Kabengele Munanga, que ao analisar os efeitos do racismo no imaginário social brasileiro nos possibilita um melhor entendimento sobre as atitudes e os valores empregados cotidianamente no meio urbano por brancos e negros.

Junto ao método qualitativo, acompanhado da pesquisa teórica, trabalhou-se também com a perspectiva quantitativa, incorporando dados secundários produzidos pelo Censo 2010 e Pnad 2019, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com isso, buscou-se avaliar a situação socioeconômica e geográfica da população negra no Brasil e especificamente em Londrina, com o objetivo de entender como o racismo afeta as peculiaridades econômicas, educacionais e sociais da população negra residente no sul do país.

É possível diagnosticar num primeiro momento que a história dos negros moradores da cidade de Londrina, semelhante ao restante do país, é permeada por um processo sócio-histórico que naturaliza o racismo, em outras palavras, que vê como normal a inferiorização social de indivíduos de pele preta e parda. A essa população cabe sempre um lugar de inferioridade no convívio diário com os brancos, ou seja, negros e brancos podem vir a ocupar o mesmo espaço, desde que aquele esteja em “seu devido lugar”, subordinado ao grupo dominante branco. Esta afirmação está pautada, sobretudo, na pesquisa de campo, todavia, corroborada por autores a exemplo de Fernandes (1972); Hasenbalg (1979) e Munanga (2008).

Por fim, este artigo objetiva contribuir para proporcionar uma maior visibilidade sobre os mecanismos sociais utilizados para manutenção do racismo, que tende a restringir o acesso a bens materiais e simbólicos, trazendo à tona as dificuldades e limitações cotidianamente enfrentadas nos diferentes ambientes sociais pela população negra.

O negro em Londrina

A população negra em Londrina é representada por 26,07% do total de habitantes, conforme dados da Pnad/IBGE 2019. Todavia, mesmo com esse significativo contingente a história dos negros londrinenses é constantemente invisibilizada. Nos registros oficiais da cidade, nota-se a tendência em se preservar a memória dos grupos hegemônicos. Valoriza-se desta forma a memória dos ingleses e dos japoneses, considerados pioneiros, e silencia-se a memória da população negra que contribuiu, sobretudo, com o trabalho braçal para a expansão agrícola e urbana da cidade. Nesse sentido, a memória coletiva está associada ao capital financeiro, pois só se é lembrado na história oficial os grupos que contribuíram com o capital econômico na formação da cidade de Londrina.

As estratégias utilizadas para a manutenção do poder para os donos do capital e da invisibilidade dos negros em Londrina interferiram, assim como em outras cidades do país, diretamente no destino e na trajetória de toda essa população. Verifica-se deste modo que os desdobramentos da escravidão e os padrões tradicionalistas ainda perduram nas sociedades, perpassando constantemente as relações de discriminação e exclusão desse segmento populacional.

Em nossa época atual os “pioneiros” de nossa cidade contam com placas comemorativas, dando de empréstimo seus respectivos nomes a ruas da cidade, além de monumentos que homenageiam sua cultura, como a praça Tomi Nakagawa, inaugurada em 2008, situada na área central, em homenagem aos japoneses. Também os ingleses, apesar de reduzido número, receberam homenagens com a instalação em 2010, no Calçadão⁹, de algumas cabines telefônicas em estilo londrino, e em 2014 de uma passarela, incluindo torres que fazem alusão ao relógio Big Ben, na entrada da cidade.

Além destes grupos estrangeiros, alguns nacionais foram também homenageados ao longo da história londrinense com grandes avenidas e ruas que valorizam os algozes¹⁰ da população negra, tais como a Avenida Bandeirantes e a Rua Jorge Velho, ambas na região central. Na periferia da cidade, a rua Zumbi dos Palmares¹¹ e a unidade básica de saúde¹² Dr.

⁹ Avenida Paraná, região central de Londrina.

¹⁰ Homens cujo papel durante o período colonial era o de penetrar nos sertões brasileiros em busca de riquezas minerais, sobretudo a prata, indígenas e negros para escravização além de serem responsáveis pelo extermínio de quilombos.

¹¹ Líder do quilombo dos palmares, o mais emblemático dos quilombos brasileiros. Esta rua se localiza no Jardim União da Vitória, periferia da zona sul de Londrina.

¹² Localizada no Conjunto Habitacional Vivi Xavier, periferia da zona norte de Londrina.

Justiniano Clímaco da Silva¹³ contam com um mínimo de prestígio¹⁴. Observa-se assim, que os negros continuam, mesmo quando prestigiados, na periferia histórica e londrinense.

Quando do olhar atento aos heróis nacionais e também aos pioneiros regionais, brancos e negros, nos é possível perceber a estreita relação entre o prestígio direcionado aos “heróis” e “pioneiros” brancos, donos do capital financeiro empregado na fundação de Londrina, em contrapartida, os desprestigiados espaços reservados a um ou outro herói e pioneiro negro, como Zumbi e Doutor Clímaco, subjugados e vítimas do racismo brasileiro.

Ainda sobre os negros moradores de Londrina, a vivência empírica nos leva a percepção de que os referidos contingentes populacionais estão significativamente em menor representação nas regiões centrais e em maior concentração nas regiões periféricas da cidade. Maria Nilza da Silva nos recorda que ao longo da história brasileira, “O lugar urbano e social que o negro ocupa não é o mesmo do branco. A separação é evidente, embora haja um permanente controle para que possa parecer que todos têm o mesmo tipo de acesso a algo de interesse” (2004, p. 70).

A percepção de que brancos e negros não têm o mesmo tipo de acesso material e imaterial é algo escamoteado pelo cotidiano, sobretudo, pela inexistência de meios oficiais de segregação racial e pela negação do racismo no Brasil, e, particularmente, na cidade. Todavia, quando realizamos uma análise etnográfica acerca do cotidiano da cidade, caminhando por diferentes regiões, tal realidade facilmente se explicita. No centro, nas lojas, *shoppings*, restaurantes, bancos, etc. os negros são encontrados de forma desproporcional ao seu número de habitantes, quando encontrados estão, em sua grande maioria, exercendo funções de trabalho tidas como socialmente inferiores¹⁵ e não usufruindo das benesses de tais espaços.

¹³ Médico e primeiro deputado estadual Londrinense Cf.: em PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. **O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva**: a presença negra pioneira em Londrina. Londrina: UEL, 2010.

¹⁴ Zumbi foi homenageado por ser uma referência de resistência do povo negro, e Dr. Clímaco por ser um pioneiro negro, e o primeiro deputado negro eleito por Londrina.

¹⁵ Estas profissões se constituem, sobretudo, por trabalhos cuja cobrança de nível educacional se restringe ao ensino médio e/ou na qual a realização do trabalho braçal é a principal característica.

Em território estrangeiro: a origem sulista e o comprometimento das relações sociais

O negro é mais negro nas regiões onde os brancos são a maioria e é mais claro nas regiões onde os brancos são minoria (Guerreiro Ramos, 1957, p. 62)

Dos cinco entrevistados, Márcia, Maria e José são paranaenses, Vagner é potiguar¹⁶ e Celso é baiano. Sobre esses dois últimos, o primeiro veio para o sul do país aos nove anos de idade e o segundo ainda em tenra idade, aos dois anos de vida. Em consequência do longo período residindo em Londrina, constatou-se, durante as entrevistas, que todos têm amplo conhecimento empírico sobre a região sul, tendo vivenciado as realidades não só do Paraná, mas também as dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No decorrer das entrevistas, a menção aos estrangeiros aparecera inúmeras vezes. Alemães, poloneses, italianos e espanhóis são as nacionalidades mencionadas. Tais menções ocorriam sempre que os entrevistados relataram experiências e vivenciadas em outras cidades da região sul. Falando sobre a temporada que passou na cidade de Cascavel-Pr, Márcia lembra que ao saber de sua ida para a referida cidade, seus familiares e amigos ficaram preocupados, pois segundo estes, nos dizeres de Márcia:

por ser uma cidade de descendentes de Alemães, Italianos e aquele povo tudo branco, e também lá, por ser próximo da fronteira com a argentina, as pessoas eram extremamente racistas (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Vagner também disponibiliza outro exemplo sobre a presença estrangeira. Falando sobre os estudos universitários, relata que estudou em:

União da Vitória, sul do Paraná, uma região que tem as suas raízes nas antigas colônias alemãs, polonesas, italianas, um povo super conservador (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Como postulado pelos entrevistados, o sul do país é lembrado, em âmbito nacional, pelo alto contingente de população branca, entre outras singularidades. Descendentes de povos europeus são maioria no Sul, enquanto no conjunto da população nacional os negros chegam 56,10% (Pnad/IBGE). Com efeito, a alta taxa de população branca aliada aos altos índices

¹⁶ Denominação dada aos nascidos no estado do Rio Grande do Norte.

socioeconômicos, incomum a algumas regiões do país, faz com que a região sul seja facilmente compreendida como uma região estrangeira em relação ao contexto nacional (CARDOSO e IANNI, 1960).

Vê-se, desta forma, que os entrevistados têm sua origem, ou estão presentes em uma região na qual há a predominância da população branca. Essa, por sua vez, é uma das regiões que disponibiliza as melhores oportunidades sociais e econômicas do país. Não obstante, é importante salientar que o acesso a tais oportunidades sofre intermédio do capital econômico e cultural, sendo a ampliação das redes sociais extremamente necessária a esta inter-relação (BAECHLER, 1995) e, nesse sentido, os negros estão em desvantagem (FERNANDES, 2008). Todavia, é preciso lembrar que, assim como no restante do país, os laços sociais nesta região são particularmente afetados por dois fatores dicotômicos e intrínsecos à realidade brasileira: a pobreza e a discriminação racial, explicitadas, sobretudo, no mercado de trabalho (CARDOSO; IANNI, 1960).

A região sul não é uma exceção nos diagnósticos elaborados pela Pnad – que demonstra que a realidade socioeconômica dos negros é inferior aos dos brancos. Todavia, devido à baixa, mas significativa taxa de negros, os entrevistados são considerados pelo imaginário popular como sujeitos duplamente “estrangeiros” nesta região, primeiro por serem negros e residirem no Sul, segundo, por serem negros e usufruírem de boa situação socioeconômica, o que, por seu turno, faz com que se evidenciem e sejam, por vezes, tratados como estrangeiros em um ambiente no qual estão imersos por brancos em melhores condições socioeconômicas. Daí a incisiva menção aos brancos e estrangeiros, já que os espaços sociais vivenciados pelos entrevistados, distintos em sua maioria pelo prestígio social, são majoritariamente frequentados por aqueles primeiros. Tal fato faz com que sejam afetados em suas percepções, intenções e perspectivas sobre a realidade social vivenciada, dada a possibilidade que os acontecimentos citados, serem vistos enquanto estrangeiros, têm de se imporem tanto sobre seus respectivos inconscientes quanto suas ações práticas.

Um lugar ao sol: o dia a dia no bairro

Quanto mais ascende, mais o negro incomoda (Maria Aparecida Bento, 2012, p. 52).

Os bairros habitados pelos entrevistados têm como principal peculiaridade o alto prestígio social no meio londrinense. Providos de boa infraestrutura urbana e em locais de rápido acesso a bens e serviços estes são economicamente valorizados em Londrina, daí o valor social agregado. Maria reside no Jardim Cláudia, Márcia e Celso no Jardim Maringá, José e Vagner no Centro da cidade.

A residência em tais bairros causa relevante conforto e melhor qualidade de vida, como relatam todos os entrevistados:

Eu acho este bairro perfeito, acho que Deus me escolheu pra viver aqui do jeito que eu preciso. Eu saio no portão do condomínio e eu estou a 50 metros do meu local de treino. Eu treino todos os dias de manhã. Eu preciso de uma padaria, tem perto; eu preciso de farmácia, tem perto; lojas, enfim, é tudo muito próximo, inclusive é próximo do maior shopping da cidade. E com relação aos vizinhos também é muito bom, eu moro, como eu já disse, aqui há 21 anos e nunca tive o menor problema com vizinho nenhum, e eu acho todos ótimos, sinto que eles também gostam de mim (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Hoje em dia eu acho aqui um bairro assim, até de elite! Aqui é um bairro que cresceu muito, quando eu mudei pra cá ninguém acreditaria o que era isto aqui. Eu mudei e não tinha nenhum telefone público aí na frente. Quando eu mudei não tinha linha telefônica nem asfalto aqui no bairro, então era uma dificuldade muito grande quando o filho ficava doente..., mas hoje cresceu muito então aqui virou um bairro de elite (Maria, 53 anos, editora).

Ah, eu gosto muito dali, principalmente não só do bairro, mas também do ponto do bairro ali, é um ponto que tem bastante acesso a tudo que eu preciso fazer (José, 26 anos, advogado e empresário).

Bom, é centro né! E a gente foi pra lá por problemas de segurança. A última casa na qual moramos teve em seis meses quatro tentativas de assalto. E também tem outro detalhe, as vezes eu preciso viajar pra dar palestra ou curso fora da cidade, e quando estou em Londrina, eu passo o dia inteiro fora. Aqui por exemplo, a gente trabalha e as coisas ficam sozinhas em casa então, tem comodidade, é tranquilo (Valter, 60 anos, professor universitário aposentado).

Ah, é que é um bairro central né? Eu gosto. Na verdade, eu escolhi aqui por causa do Igapó¹⁷, porque eu gosto de correr, gosto de fazer minha prática esportiva, até o meu primeiro trabalho de fotografia, o livro que eu lancei, foi em homenagem ao lago Igapó. Então a minha escolha de vim morar aqui foi justamente por causa do Igapó. (Celso, 53 anos, policial federal aposentado).

¹⁷ Lago artificial construído em 1959. Localizado nas proximidades do centro londrinense, se estende da zona oeste até a zona sul de Londrina. É atualmente um dos principais cartões postais da cidade e também uma área de lazer compartilhada por seus moradores e populações de outros bairros da cidade.

Como vimos, há um consenso sobre os benefícios da infraestrutura disponibilizada pela localização dos bairros, bem como do usufruto dessas. A média de anos de residência dos entrevistados nas referidas regiões é de 18 anos, logo, o conhecimento sobre o entorno é bastante profundo.

Questionados sobre o sentimento de racismo ou discriminação racial por parte de vizinhos, ou por pessoas que circulam no bairro, Márcia, José e Celso disseram não terem tido nenhum tipo de problema quanto à cor de suas peles nos bairros em que habitam. Não obstante, Maria e Vagner disseram já os terem experienciado, vejamos:

A gente sente assim, uma certa discriminação de estar morando em um bairro melhor, por conta da cor mesmo, acontece... (Maria, 60 anos, editora).

Olha, aqui como nos outros bairros, procuramos fazer amizade com os vizinhos, conversando no elevador e em outros espaços comuns, mas nós encontramos pessoas que sempre viram a cara, né? Dentro do elevador mesmo não te cumprimentam, e as a gente força a barra, dá um “bom dia, como vai o senhor”, puxa conversa, e procura sempre atender bem. Mas a gente sempre percebe um algo assim, uma má vontade em estabelecer uma conversa (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Verificam-se em ambas as falas, o reconhecimento do racismo, que neste contexto resulta na limitação da sociabilidade, ou seja, no simples prazer em se estabelecer laços sociais e assim satisfazer uma premissa básica dos seres humanos, o estar com o outro. Ora, as relações sociais, constituídas por relações formais e informais, são condição *sine qua non* ao desenvolvimento psíquico e social dos indivíduos. Uma simples e descompromissada conversa traz consigo uma elevada gama de elementos subjetivos, por conseguinte, a conversa é apontada, Simmel (1983) e Baechler (1995), como uma das principais constituintes da psique humana. Assim, ao limitar a troca de informações - desde as mais simples, até as mais complexas - o racismo tende a barrar o desenvolvimento individual dos negros, no presente caso, o de Maria e de Vagner.

Por outro lado, mesmo afirmando não terem sido vitimados pelo racismo em seus respectivos bairros, Márcia, José e Celso nos relataram vivências, que são, por sua vez, suscetíveis de análise. Antes, porém, Wieviorka nos lembra de que “as causas do racismo são camufladas, não detectáveis aparentemente, enquanto seus efeitos são tangíveis” (2007; 32). Com efeito, esse pode ser praticado de diversas formas. Falando sobre o dia a dia, no

condomínio vertical em que reside, Márcia relata o motivo de um conflito banal, segundo a mesma:

É uma razão bem engraçada. Na época morávamos aqui no condomínio eu e meu técnico, ele morava em uma “república” com outros atletas. Certo dia a síndica invocou que a gente chegava do treino e ficava se alongando, “ficava se expondo” ali nas áreas comuns, que as pessoas passavam por ali e que aquilo não ficava bem, e isso acabou gerando um mal estar entre a turma de atletas e a síndica. Acho que foi assim o único contratempo que eu vivi aqui. (Márcia, 43 anos atleta e professora).

Os atletas aos quais Márcia se referiu eram também negros, como pontuado pela mesma. Segundo a entrevistada, a síndica não gostava que os atletas ficassem “expostos” em áreas comuns do prédio, mesmo estes sendo moradores do condomínio. Questionada sobre a atitude tomada mediante a manifestação da síndica, Márcia nos disse que os atletas passaram a se alongar no interior de seus apartamentos.

Verifica-se que diante do não questionamento, seguido da mudança de espaços para a realização dos alongamentos, não há a possibilidade de se apurar o real motivo resultante da restrição dos alongamentos em espaços comuns por parte dos corredores. Todavia, o fato de os atletas terem acatado ao pedido da síndica os privou de um tempo maior de sociabilidade, visto que aquele momento após o treino era tido como um momento de distração e de prazer para os atletas.

Falando sobre um conflito vivenciado no condomínio em que reside, José nos relata o motivo que o ocasionou:

Tive um conflito com o síndico. Na época eu fiz uma reforma, mas coisa normal, fiz uma reforma lá de uns cinco meses e acho que eu acabei incomodando um pouco os vizinhos (José, 26 anos, advogado e empresário).

Após esse relato questionei José sobre as circunstâncias da obra, se a mesma havia sido comunicada ao síndico, e se ela se enquadrava nas normas do condomínio. José me respondeu que os pedreiros cumpriam o horário estipulado pelo prédio; que resíduos eram despachados nos locais corretos, enfim, que tudo estava conforme o estipulado pelas normas condominiais. Questionado sobre a atitude tomada, José nos disse que adiantou a obra, deixando de fora algumas etapas do acabamento. Verifica-se, portanto, que diante da “necessidade” de se agilizar a reforma, José se viu impedido de concluir algumas melhorias em seu apartamento, não por limitações materiais, mas sim para se furtar ao conflito com os vizinhos.

Em ambos os casos, no de Márcia e também no de José, não se pode objetivamente constatar a presença do racismo e/ou da discriminação racial. Tal impossibilidade se deve, sobretudo, ao fato de ambos os entrevistados terem se eximido, e não terem questionado a validade legal das restrições impostas, fato esse que não nos permite um aprofundamento analítico que permeiam as referidas discussões. Contudo, nos é possível a compreensão de que o silêncio de ambos diz muito sobre o racismo à brasileira.

No Brasil, independente da região, estar em um território priorizado pelas políticas urbanas pode ser facilmente compreendido como estar em um espaço economicamente elitizado (SANTOS, 1987). Por sua vez, a literatura sobre as relações raciais nos mostra que ao longo da história, os melhores territórios foram designados e/ou apropriados pela população branca (HASENBALG, 1979; FERNANDES, 1972). Com efeito, podemos inferir que no âmbito do imaginário social Márcia e José estão em um território pouco acolhedor. Deste modo, suas respectivas estadas em tais espaços são vistas com anormalidade, logo, não causar incômodo aos *autóctones* é a premissa básica.

Questionados sobre o sentimento de pertencimento aos bairros em que moram, todos disseram se sentir pertencentes a eles, fazendo inclusive parte de suas respectivas histórias. Tal questionamento se estendeu aos filhos e cônjuges dos entrevistados, que segundo esses últimos, gostam e também se sentem pertencentes ao bairro. Não obstante, tem-se uma exceção a essa sensação de pertencimento ao bairro, o filho de Maria, como nos explica a mesma:

ele não gosta muito aqui do bairro, acho que ele se sente um pouco discriminado, isso apesar de ter nascido e sido criado aqui (Maria, 53 anos, editora)

O filho de Maria tem atualmente 23 anos. Segundo a mesma, Marcos nasceu e cresceu no bairro; tendo amigos tanto no condomínio como na região em que mora. Não obstante, devido à discriminação racial vivida, Maria percebe pelas atitudes do filho, que o mesmo não gosta do bairro. Ela nos fala sobre um episódio no qual Marcos, segundo a mesma, foi vítima de discriminação racial:

aqui tem muita área comum, então ele utiliza a churrasqueira junto com os amigos, eles utilizam as quadras e a gente percebe [o racismo]. Eu percebi uma época que era por parte da síndica, aí eu tive que ter uma conversa bem séria com ela. Você sabe né, a molecada faz bagunça, faz churrasco, festa, e tudo o que acontecia diziam que a culpa era dele. Até eu dar um basta mesmo com ela. Porque sempre era assim, de falar que tudo o que acontecia de errado

era coisa do Marcos. Teve vezes de falarem que ele tinha feito algo de errado, e ele nem aqui estava, estava na casa da minha irmã que mora do outro lado da cidade. Então assim, a gente percebe que essas situações acontecem principalmente por causa da cor (Maria, 53 anos, editora).

O trecho acima nos ajuda a exprimir as complexidades que envolvem o racismo. A análise da fala de Maria não nos permite, de forma objetiva, inferir que de fato seu filho foi racialmente discriminado. Todavia, sua vivência empírica naquele meio - no qual reside há 25 anos - lhe fornece os subsídios necessários para tal afirmação.

No que tange a vivência no bairro, os questionei sobre o que mais, e menos gostam naquele espaço, analisemos as respostas:

O que eu mais gosto, é a possibilidade de poder correr, da prática esportiva, obvio que está relacionado à minha profissão, e a gente tem esse espaço gostoso pra fazer isso; e o que eu menos gosto, talvez o que eu menos goste seja da velocidade dos carros que passam aqui na rua que é travessia da gente pra chegar até o lago (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

O que eu menos gosto, é realmente essa evolução que teve o bairro. A evolução que teve, de uma certa forma é bom pra gente, mas de outra forma as pessoas são assim, diferentes, né? Diferentes com a gente, porque agora aqui é um bairro de elite, então as pessoas são diferentes, se acham num nível diferente, não porque na realidade o nível meu é muito diferente, mas é praticamente pela cor mesmo (Maria, 53 anos, editora).

O que eu menos gosto é uma coisa que seria impossível de acabar, que é o barulho, né? Sempre tem algum prédio sendo construído, alguma coisa, assim, é um bairro movimentado por ser centro isso me incomoda um pouco de vez em quando, dia de jogo, essas coisas. E o que eu mais gosto, essa facilidade pra tudo, restaurantes próximos, tudo o que eu faço é próximo dali, eu trabalho próximo dali, vou ao clube que é próximo dali, não ando muito, não preciso andar tanto de carro (José, 26 anos, advogado e empresário).

Bom, a gente gosta da paisagem, das pessoas. O que eu não gosto é o desrespeito em relação ao barulho, muito ruído, até no condomínio, né? Não só nosso mesmo, como também nos próximos ali (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Os relatos acima nos permitem lançar mão de três questões, seguidas de suas respectivas análises. A questão urbana aparece em todas as respostas. Por serem bairros socialmente prestigiados, nos quais os bens de consumo e o lazer se encontram em maior variedade, a movimentação de pessoas devido a busca desses é maior que em outras áreas e/ou regiões da cidade, o que, por sua vez, gera certa insatisfação aos entrevistados. Contudo, como já visto, foi esse mesmo ambiente que os atraiu a tais bairros.

Outra questão está no fato de que anteriormente José havia dito que a reforma em seu apartamento causou certo incômodo aos vizinhos. Todavia, o mesmo agora nos lembra que pelo fato de aquela ser uma área extremamente urbana, “sempre tem algum prédio sendo construído, alguma coisa assim, é um bairro movimentado por ser centro”. Compreende-se, portanto, que o barulho alheio é compreendido tanto por José como pelos demais condôminos como algo natural, já o “barulho” de José, é recebido e naturalizado como de maior incômodo.

Por fim, Maria nos relata que mesmo gostando da boa infraestrutura urbana do bairro, o desenvolvimento e a elitização posterior causaram sérias limitações às suas relações cotidianas, devido às manifestações do racismo, por parte de seus novos vizinhos.

Considerações finais

Vimos como o racismo e/ou a discriminação racial, afetam de forma ímpar o dia a dia de todos os entrevistados. O fato de serem exceções nos bairros nos quais residem faz com que sejam por vezes vistos como “intrusos”, em consequência, suas sociabilidades são severamente afetadas, e seu bem-estar restringido.

Márcia, Celso, Maria e José contabilizam um vizinho negro cada, sendo que Márcia e Celso – vizinhos - apontaram um ao outro como único vizinho negro; Maria nos diz que em seu condomínio, além dela e do filho, mora um rapaz, ao qual a mesma avalia como sendo negro. Todavia, este é um estudante universitário, estando apenas de passagem. José tem como único vizinho negro, o pai, já que sua mãe é branca. Vagner é o único que não conta com outro morador negro no condomínio no qual reside. Esse déficit de pares negros é o que, paradoxalmente, os levam a saírem de seus respectivos bairros, em busca de lazer, propiciado, sobretudo, pelas antigas amizades e, por conseguinte, nos bairros habitados anteriormente a ascensão econômica.

Referências

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org). **Tratado de Sociologia**. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

CARDOSO, F. H; IANNI, O. “**Cor e mobilidade social em Florianópolis**: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. Ática, São Paulo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. Dominus/Edusp, São Paulo, 1966.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. Difusão Europeia do Livro, 1972.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional versus identidade negra (3ª. ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, 2004.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana – Revista de Antropologia Social**, nº 11, ano 2, p. 577 – 591, 2005.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

WIEVIORKA, Michel. **Em que mundo viveremos?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

_____. **O racismo**: Uma introdução, tradução: Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2007.